

A ESTÉTICA DE *DON QUIXOTE*

E A IMAGEM DIFÍCIL DE PRUDENTE DE MORAIS

ROGÉRIA DE IPANEMA*

Angelo Agostini acreditou na personagem de Miguel de Cervantes,¹ um cavaleiro ultrapassado da Mancha espanhola, para ser atualizada, ao final do século XIX, nos trópicos brasileiros. No Brasil, o autor rearmou d. Quixote, da dimensão medieval da cavalaria, em pleno final dos Oitocentos. É provável que Prudente de Moraes tivesse sido a motivação dialógica para a construção de um novo jornal protagonizado pela metafórica direta, do engenhoso cavaleiro do antigo romance revivido nos tempos modernos mundiais, e da nova República nacional. O Estado republicano estava no projeto de modernização da nação, instituído pela ordem do progresso comtista, apoiado pelos jovens positivistas ortodoxos radicais e deflagrado o regime pelos velhos militares, doutos cientificistas da Escola Militar. A engenharia, uma área disciplinar tão cara ao Positivismo, para o desenvolvimentismo econômico, político e social das nações, e de muita influência na formação da juventude de elite do país.

E por que d. Quixote? Por que na obra editorial agostiniana falar pela voz do outro, creditando ao conhecimento mais popularizante de uma personagem literária ficcional, universal? Acompanhadas obviamente das personagens coadjuvantes, ordinária, Sancho Pança e secundárias, o Rocinante e o burro? Agostini autonomiza os quatro elementos com expressão, postas as notas mais cômicas aos animais persofinizados e a sátira para d. Quixote. Assim a obra do autor transtextualiza ao imaginário e tradição populares da linguagem literária extemporânea, e transnacionaliza à sua linguagem visual, atualizando agora, as personagens, aos textos políticos da vida pública brasileira. São diversos níveis textuais que se hibridizam nas imagens apresentadas em um jogo de relações de forças com o poder, força em d. Quixote e o poder com o presidente. Força esta que deve ser entendida como força física mesmo, como no exemplo de *Don*

*Doutora em História, Mestre em História e Crítica de Artes. Profa do Departamento de História e Teoria da Arte e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Miguel de Cervantes de Saavedra (c.1547-1616). Em 1605 foi editada a primeira parte de *Dom Quixote* e a continuação em 1615.

Quixote,² quando das disputas eleitorais estaduais de 1895, onde o cavaleiro em armadura e o escudeiro chegam ao Palácio do Itamaraty trazendo na coleira o governador de Pernambuco no corpo de uma onça feroz, ele notório mandante do crime do redator de *A Província*,³ executado pelas costas pelo comandante da Cavalaria do Estado.⁴ Força que também deve ser entendida como energia, se transformando em autoridade missionária da honra e ideal da cavalaria, colaborando com a extinção dos males e salvamento e glória da nação, e ao fazê-lo à sua maneira, denunciava a inércia alienante de Prudente de Moraes. Expunha assim, mais uma questão do problema força e poder, que é o da energia, posto pela inversão de narrativa e papéis, proposto pela ausência, pela falta, ao destituir a simbologia institucional do chefe de Estado, pela omissão.

Enquanto o presidente Prudente não dispusesse da energia suficiente para finalizar questões de autoridade profundas, d. Quixote e Sancho se dispunham ao seu lado, mas como a mesma inquietude e destemperança da personagem, não tinha negociação, dispor-se ao seu lado com o escudeiro, traduzia-se no imperativo, “Faça”, justificado às vezes com o “para o bem de todos”.

A sátira era pensada por contrastes agudos e, dentro e diante daquela cena nacional, a única entidade sã é o peremptório d. Quixote, que goza de excelente saúde, bons olhos e bons corretivos, apresentando-se como o único capacitado para tratar das urgências dos fatos e das lidas de um cotidiano exposto de corrupção. D. Quixote assume a luz da visão do bem comum e Prudente de Moraes, o autismo da alienação. *Don Quixote* de Agostini era lúcido, e Prudente de Moraes possuía problemas profundos de visão, por uma política fraca, não enxergava bem nem de longe, nem de perto, chegando à cegueira, e por várias vezes, é apresentado, de olhos fechados.

² *Don Quixote*, a. 1, n. 7, 9 mar. 1895. p. 4-5.

³ Trata-se do governador Barbosa Lima e José Maria de Albuquerque Melo, fundador e redator do pernambucano *A Província*: órgão do Partido Liberal (1872-1933), periódico suspenso em 1930 e retornado em 1932.

⁴ Este número mereceu uma imagem encartada de toda a paisagem do crime, e o assassinato obteve um enorme repúdio por extensa imprensa brasileira.

Na verdade Prudente de Moraes é um velho político, oriundo das oligarquias cafeeicultoras paulistas, com mais de 30 anos de exercício e que no terceiro ano de mandato, em 1897, adoece, quando assume o vice-presidente, o baiano Manuel Vitorino Pereira. D. Quixote, o alterego de Agostini, não esperava, exigia muito mais daquele ator que fora eleito pelo Partido Republicano Federal, fundado pelo General Glicério, personagem a quem o autor expõe recorrentemente, na liderança e condução governamental ante o presidente. Neste jogo jornalístico de poder, roteirizado pelo autor, e acionado e sociabilizado em imagens, no palco D. Quixote é obstinado, Prudente indeciso, d. Quixote é são, Prudente vão.

Tantas foram as estratégias de utilização de contrastes ambivalentes para a configuração caricatural visual, pelo aprofundamento crítico e para a dramatização do movimento dos atores em cena, oferecidos pelo ritmo binário do sim e do não, radicalizando a tensão do equilíbrio assimétrico, da narrativa conceitual e do teor de mensagens. E desta fórmula transgressora de apresentação, Agostini lida com seu desenho de inversão simbólico-conceitual quase fabulosa das relações éticas da virtude e dos vícios, onde os “sins” se afirmem em d. Quixote e todos os opostos “nãos”, da reprovação, se refiram ao presidente, assunto mediado no jornal por cerca dos primeiros 90 números da coleção na receita *caricare* dos opostos: olhos abertos/olhos fechados, energia/inércia, atitude/negligência, ânimo/desânimo, rápido/devagar, necessário/indiferente, uma conceituação opinativa e publicizada, sobre o certo e o errado, e mais do que uma opinião, uma real lição de moral, ética e cívica.

Para d. Quixote, Prudente não enxerga, não age, não faz, não acontece, assim como no bilhete deixado ao presidente após uma visita, com Sancho, ao gabinete presidencial: escreve, “como lembrança... deixamos sobre a mesa o nosso cartão...” ‘A S. Exa o Sr. Presidente, d. Quixote cumprimenta e avisa que tanta prudência cheira a imprudência!’” (*Don Quixote*, n. 29, 1895:8). Não sei se criou a anedótica denominação de Prudente de Mais, ou deixava emanar seu ethos carioca ou seu pathos brasileiro, até ambos, mas é certo que reproduziu-a com insistência, ridículo e escárnio.

Comprova-se que o *Don Quixote* trabalha pela República com o dever híbrido republicano-cavaleiresco que tinha como missão, mas na duplicidade estrutural do sentido das imagens promovidas por posicionamentos favoráveis aos propósitos da República, realizava também uma campanha desmoralizante ostensiva contra Prudente de Moraes. O presidente é o elemento-chave das sátiras enfrentadas em *Don Quixote* nos dois primeiros anos do jornal,⁵ e dentro do jogo das forças políticas da época, torna-se um brinquedo frágil nas mãos dos ministros que fazem o que querem com o chefe de Estado. D. Quixote e Sancho Pancha, sempre prontos, dão apoio ao presidente, e sustentando o “boneco de madeira”, humanizam-no e o anima com o poder legítimo da República pátria, para o enfrentamento naquela arena de disputas, teatro de mentiras e poder. (Figura 1)

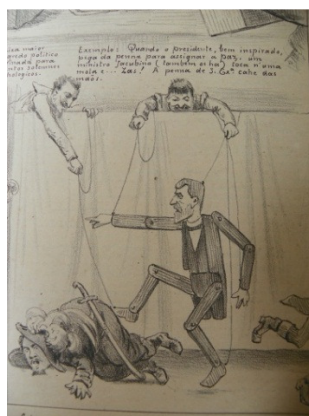


Figura 1

No quadro da imagem anterior, Prudente de Moraes está sendo manipulado pelo seu gabinete, neste, d.

Quixote e o ajudante defendem o presidente, ao desfazer a situação e transformar a realidade. A marionete de Prudente assume o comando e chuta o jacobino general Glicério, apontando com o braço em riste para a saída,. (*Don Quixote*, a.1, n. 29, 17 ago. 1895. p. 5. Coleção Hemeroteca Marcello e Cybelle de Ipanema).

Agostini assume um gabinete paralelo, para-oficial, pensa, sugere e exige atitudes e comportamentos éticos dos homens públicos, e em nome de Prudente de Moraes, as personagens oferecem-lhe as suas mãos, e também manipulam os fios da marionete do

⁵ Em 1895 e 1896.

presidente. D. Quixote creditava a si a autoridade máxima presidencial, pensando de seu lugar e assumindo o lugar do outro, propunha as ações necessárias e tomava o próprio comando da República, afirmando, “Cheios de patriótica indignação... sentimo-nos o ímpeto de tomarmos o lugar de tais políticos, e darmos a atitude que mais convém...” (*Don Quixote*, n. 20, 1895: 4-5).

Quando não fossem os fios da marionete em que Prudente deixava-se ser comandado pelo seu ministério, encontrava-se paralisado nos fios de uma grande teia, presa fácil de várias aranhas jacobinas e castilhistas. Reclamar atitude e não discutir, não havia discussão sobre aqueles que condenava, pois as performances de d. Quixote já haviam sido refletidas, apontando uma república livre dos políticos inconfiáveis. Vale refletir sobre as coisas fora do lugar, o fidalgo medievo no novo regime republicano. Por que isso se deu? Penso em Prudente como o mote inventor da flama que Agostini desejava expor, associada sempre ao visionário cavaleiro. Tudo nesta narrativa é transgressor, é caricatural.

O problema estético de Agostini é o seu programa político, sua obra não se introduz por uma estética estilístico-formal inovadora, é a partir da condução do programa político militante praticado pelo instrumento social da imprensa e a narrativa visual ressignificante, que o autor estetiza a imagem sob a poética satírica dos deslocamentos conceituais submetidos às personagens em desconstrução e a carnavalização do poder. Constrói um vocabulário próprio e autoral de uma específica iconografia histórica da época. É nos valores e nas medidas que transgride as convenções, nas quais se evidenciam o índice caricatural e a dimensão estético-artística da obra da arte política agostiniana. Penso na obra, *Don Quixote* de Angelo Agostini,⁶ demarcada pelo período Prudente de Moraes, no estatuto de uma imagem difícil.⁷

⁶ Existiram outros periódicos homônimos no

⁷ Parafraseando Rodrigo Naves.

Exercer um pensamento crítico na dimensão social, no universo cultural da comunicação, a partir de uma imprensa independente,⁸ é desenvolver política pela linguagem visual, devolvendo ao espaço público uma possibilidade de debate, segundo sua análise da paisagem política nacional Esta é a cara missão de *Don Quixote* e é a expressão artística necessária e popularizada,⁹ para Angelo Agostini.

Peter Burke¹⁰ analisa que as imagens não dão acesso ao mundo social diretamente, mas às visões contemporâneas daquele mundo, e para os historiadores, cabe criticar as fontes e analisar as tendências opostas dos produtores de imagens “para idealizar e satirizar o mundo que os representa”, orientando que, a problemática consiste em distinguir entre “representações do típico e imagens do excêntrico” (BURKE, 2004:). As imagens de Agostini não estão para um jornalismo mais puro de informação, mas acima de tudo de opinião, e opinião complexa, por isso ela é típica, não se tratando de obras encomendadas ou pagas, mas sim de valor pessoal, mas ao mesmo tempo excêntrica, pela ação social do indivíduo atualizado no coletivo, característica dada pela mídia e projeto de apresentação e representação que transversa forma/objeto/produto em contiguidade e intertextualidade discursiva.

Agostini pensava alto e abria o debate público a partir de uma opinião formada, e pela linguagem visual, escolhendo a sátira à comicidade, na polifonia em *Don Quixote*, queria a ordem civil, não exatamente a ordem problematizada na bandeira nacional, ele que ideologicamente repudiava o lema comtista e exerceu vigorosa oposição aos correligionários brasileiros do Positivismo, fossem de qualquer corrente, heterodoxos ou ortodoxos, littreanos ou laffitianos.

O caso da Revolução Federalista é um exemplo disto, o jornal se voltava, o que recorrentemente fazia, pela ordem da União, pela República, mas nunca se apoiou no ideário filosófico da inscrição do símbolo nacional, ao exigi-la e legitimá-la. Ordem esta

⁸ Toda a obra jornalística de Angelo Agostini fora mantida pela venda de números avulsos ou por assinaturas trimestrais, semestrais ou anuais.

⁹ No sentido antropológico do utilitário.

¹⁰ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

que fora deposta pelo governo despótico ditatorial de Julio de Castilhos, o ator político que implantou o mais representativo experimento positivista no Brasil.¹¹ Para Agostini, Julio de Castilhos¹² com sua atitude política desmoralizava a República, o presidente desmoralizava a República e *Don Quixote* e d. Quixote desmoralizavam o presidente. Da forma que exigiam, expondo-o ao ridículo da passividade e negligência, determinavam que, o que era insustentável era insuportável! , assim publicou, “D. Quixote apresenta pela segunda vez, o único meio de acabar com a guerra fratricida, injusta e ruínosa, arrancando o governo do Rio Grande este déspota, causador do derramamento de tanto sangue do povo brasileiro...” (*Don Quixote*, 1895: 4-5.) (Figura 2).



Figura 2

Don Quixote, a. 1, n. 20, 8 jul. 1895. p. 4-5. (Coleção Hemeroteca Marcello e Cybelle de Ipanema).

Don Quixote publica o presidente num processo de popularização difícil, dando à imagem da semana, uma nova atitude de uma não-atitude do chefe de Estado, construída por uma forma denunciadora com leituras e mensagens bilaterais. Por um lado, a denúncia da falta de ética dos governistas, articulada à falta de ação e autoridade que Prudente gerava, por outro, a denúncia moral contra o próprio presidente da República.

¹¹ HOLLANDA, Cristina Buarque de. *Modos da representação política: o experimento da Primeira República brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro/IUPERJ, 2009.

¹² Conflito ocorrido entre fevereiro de 1893 e agosto de 1895. Os Maragatos se revoltaram contra a tirania do presidente do Rio Grande do Sul, apoiado pelos Pica-paus ou Castilhistas. Julio Prates de Castilhos redigiu à época, praticamente sozinho, a Constituição rio-grandense-do-sul, saiu vitorioso do confronto e governou até 1898.

Os anos de 1895 e 1896 foram multimarcados por uma verdadeira campanha de abordagem ética e moral da vida nacional brasileira. O imobilismo de Prudente e o inconformismo de d. Quixote, confessa Agostini, por vezes, é tratado pela constitucionalidade das questões. Há momentos, em que as imagens permitem que Prudente Demais desabafe os limites constitucionais de suas ações. (Figura 3). Numa passagem, o presidente consulta a Constituição para tomar ciência da legalidade de seus atos, e é de tanta leitura e conferências, e a falta de interpretação da mesma, que em tudo é extremo e radical no paladino d. Quixote, justamente aquele representante que fora o presidente da primeira Constituinte republicana de 1891 e o primeiro presidente civil eleito, pelo novo regime presidencialista, em 1894. Assim d. Quixote marqueteia uma imagem duplamente difícil para Prudente e toda semana Angelo Agostini publica uma subversão: “Espera... Não tenha pressa... Deixa ver aqui na Constituição algum artigo que me autorize...” (*Don Quixote*, n. 25, 1895:4-5). Pois qual seria o tempo para Prudente suportar? Como se davam a visão o olhar do leitor das imagens quixoteanas, e mais, o que se desdobra a partir deste ato. Quem se importava com o presidente, o governo do presidente, os movimentos do governo, com a política nacional? D. Quixote reclama da Constituição de 1891, de Prudente de Moraes ou dos dois?



Figura 3

A alegoria da República corre assustada em direção a Prudente de Moraes, ao fugir de uma monstruosa Política Despótica, representada por uma monstruosa Hydra de sete cabeças. O presidente procura na Constituição um meio legal de combatê-la. (*Don Quixote*, a. 1, n. 14, 27 abril 1895. p. 4-5. Coleção Hemeroteca Marcello e Cybelle de Ipanema).

Ao levar a suposta solução do problema, d. Quixote também não desejava mandar no presidente, como o despotismo de Julio de Castilhos, e o autoritário ministro da guerra, general Francisco Glicério? Na verdade, em cena, d. Quixote não pede, ele urge, e não se coloca à discussão do diagnóstico da doença, ele propõe o remédio e a cura, é sua obstinação. O discurso plurimediador do cavaleiro era autoritário, o que Prudente constituinte não era? D. Quixote dispõe ou impõe autoridade, o discurso certo, com o tom correto assim julga o presidente. O seu apoio consistia em apresentar o que ele tinha de fazer, e o seu não-fazer consistia no valor da denúncia que detonava a imagem pública do presidente na figura de Prudente de Moraes, dificultando sua propaganda simbolizada em uma imagem difícil.

Por vezes, em que na paisagem política, Prudente de Moraes determinava à altura clamada de d. Quixote, este e seu companheiro não privavam de elogiá-lo sempre ao lado da alegoria da República, “A limpeza que fez o Sr. Presidente na Ilha de Sapucaia, isto é das Flores, varrendo todo o lixo natural e administrativo que ali se achava.” (*Don Quixote*, n. 55, 1896:5).

Quem muito teve audiências não marcadas, com Prudente Demais, foram d. Quixote, Sancho Pança, Rocinante e o burro, que frequentavam as internas e externas do gabinete presidencial. O jornalismo quixotesco não fechava com o ditado do “muito ajuda, quem não atrapalha”, *Don Quixote* atrapalhava muito, ajudando na desmoralização popular da figura do Presidente Prudente Demais. Uma publicidade difícil. Mesmo sem uma quantificação receptiva do jornal, o poder de circulação de uma imagem impressa é muito grande, e Angelo Agostini, autor e figura conhecida, além de experiente editor, foi capaz de justificar mais um empreendimento do formato dos três em que já havia investido, sob a arte política da imagem impressa da litografia. Pela *Revista Illustrada*, famosa no Império, é de se supor que as imagens em *Don Quixote* alçavam os resultados propostos e inquietavam alguma alienação social suposta no cotidiano da capital federal do Rio de Janeiro, não esquecendo ainda que a redação do engenhoso fidalgo ficava em um dos endereços mais badalados e atualizados da cidade, rua do Ouvidor, 109, na freguesia do Santíssimo Sacramento. Mas ainda há muito para

apreender da imagem e imaginação que esta arte nos joga, leva e traz dentro e para a história da arte, a história cultural e a história política do Brasil. Muitas são as imagens satíricas que nos propõem questões, desta arte de gênero carregada de uma rica iconografia histórica brasileira.

Periódico

Don Quixote: jornal ilustrado de Angelo Agostini (1895-1903)

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Ernani Sô, introd. John Rutherford e posfácio de Jorge Luis Borges. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

CHAMPFLEURY. *Histoire de la caricature moderne*. Paris: E. Dentu, 1865.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador*: visão e modernidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção Artefissil, n.20).

HOLLANDA, Cristina Buarque de. *Modos da representação política*: o experimento da Primeira República brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro/IUPERJ, 2009.

IPANEMA, Rogéria de. Rir para não chorar. *Revista da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, n. 54, p. 68-73, 2010.